

A FUNÇÃO SOCIAL DA EDUCAÇÃO FRENTE A DIMENSÃO SOCIAL DO SUJEITO

The social function education front social dimension subject

Maria Adalgiza Albuquerque Succi¹
1. adalgizasucci@gmail.com

Resumo

Este artigo contempla a temática referente a função da educação frente a dimensão social do sujeito, objetivando compreender a educação básica, como espaço capaz de desvelar e revelar na convivência do cotidiano dos sujeitos, os vínculos, os conflitos, afetividade, a interpretação da gestualidade, a representatividade e as relações interpessoais. Onde a construção social do ser aprendiz, em contextos marcados pelas relações de saber e poder, induz a função socioeducativa deste alunado, do ensino básico. O qual vivencia na diversidade e pluralidade situações multifacetadas frente as novas demandas. A metodologia para a realização deste artigo foi a pesquisa qualitativa bibliográfica, em livros, artigos, dissertações e teses, cujo os conteúdos abordam a presente temática. Os autores contemplados foram da área da educação e sociologia dentre eles destacam-se Alvin Toffler, Gimeno Sacristán, Giroux, Succi, Alcía Fernandes dentre outros. Os quais contribuíram para que a discussão acontecesse de modo produtor e revelador. Conclui-se que mediante os valores da contemporaneidade, a funcionalidade da escola tem urgência em reconstruir novos paradigmas com atendam as necessidades desta nova geração ávida, dinâmica, flexível e autônoma. Não é um trabalho fácil, se entende que, mudanças ocorrem em ritmo lento, não compatível com as necessidades vigentes. Mas devem acontecer.

Palavras-chave: Função da Educação, Espaço Escolar, Aprendizagem Significativa

Abstract

This article considers the issue regarding the function of the front education social dimension of the subject, aiming to understand the basic education, as a space able to uncover and reveal the coexistence of the subjects everyday, ties, conflicts, affectivity, the interpretation of the gesture, the representativeness and interpersonal relationships. Where the social construction of being a learner in contexts marked by relations of knowledge and power, induces socio-educational function of the student body, basic education. Which experiences in diversity and plurality situations multifaceted forward new demands. The methodology for the realization of this article was the bibliographical qualitative research in books, articles, dissertations and theses, whose contents address the theme this. The authors were included in the area of education and sociology among them stand out Alvin Toffler, Gimeno Sacristán, Giroux, Succi, Alicia Fernandes among others. Which contributed to the discussion happened to productive and revealing way. In conclusion, by the values of the contemporary school functionality is urgent to rebuild new paradigms to meet the needs of this new generation eager, dynamic,

flexible and autonomous. It is not an easy job, it is understood that changes occur at a slow pace, not compatible with current needs. But they happen.

Key words: Education function, School Space, Meaningful Learning

Introdução

Na contemporaneidade em que se buscam, como objetivos, novos paradigmas para a educação, numa Escola inclusiva, plural, que seja capaz de atender adequadamente às necessidades de seu alunado, independente das suas diferenças, de classe social, opção religiosa, orientação sexual e outras distinções.

É uma Escola onde a questão de espaço adquire importância ímpar expressa no compartilhamento e significado das práticas pedagógicas, conforme Marcel (2003).

Uma vez que, o espaço não sendo neutro, está impregnado de signos, símbolos, e marcas, de quem o produz, organiza e nele convive, por isso tem significações afetivas e culturais. Desse modo, o espaço escolar é um constructo de múltiplos interesses manifestados e ocultos que podem afetar a vida dos atores sociais, gerando inclusões e exclusões, conflitos e compartilhamentos.

O espaço escolar é espaço de vida, do fervilhar das emoções, da materialização das ideologias, da disputa acirrada pelo poder e da expressão de um poder subliminar que determina o saber e as práticas pedagógicas, carregadas de significados, compartilhadas e expressas na prática social escolar.

Nessa junção contemporânea encontra-se a educação viabilizada pela Escola, cenário onde surge uma nova experiência social que supera o âmbito das relações frente a frente, que dá lugar ao nascimento de outras raízes, graças ao estabelecimento de novos vínculos pelos quais os indivíduos se reconhecem uns aos outros, estabelecendo interdependência conveniada entre eles, construindo, assim, os novos espaços sociais, propõe Gimeno Sacristán (2002).

A sociedade atual exige que se interpenetre a cultura escolar com outras culturas, buscando desvelar as múltiplas relações que se tecem no seu cotidiano, como parte de uma trama bem mais ampla das relações sociais e culturais, mostrada por Barreto (2008).

Esta partilha de sentidos, esta mistura de espaços sócio-culturais, experiências e conhecimentos *'entre sujeitos'* possibilitam aos alunos saírem dos limites da experiência pessoal, numa atitude de introspecção para, assim, experimentar o outro, num procedimento entendido como enriquecimento dos processos de intersubjetivação cultural, conforme indica o autor Marcel (2003).

O autor conceitua que a "relação intersubjetiva, tomada como fato inicial ou fundamental leva ao diálogo" (Marcel, 2003), demonstrando ser este, um modo de partilhar as convivências.

O diálogo é a ponte essencial para que se construam relações nos espaços escolares, que, por sua vez, "não estão alheios à cultura, aos significados que a compõem, mas, à vinculação afetiva que se estabelece nas imagens construídas pelos sujeitos" (CASTILHA DEL PINO, 2000, p.59). Daí se compreender a relevância do diálogo nos espaços escolares, como mediador de situações.

A experiência de conhecer no sentido de atribuir significados aos processos de construção, como numa prática lúdica, por exemplo, é inerente ao encontro com os objetos e com as pessoas, assim como colori-las com sentimentos, já que se vai à matriz do passado para viver o presente com vistas ao futuro.

Há uma mistura de fenômenos construindo-se no presente imbricado, apoiado no passado e vislumbrando o futuro nos *'espaços'*, isto é no aquecimento provocado por esta matriz e seus desdobramentos (passado, presente e futuro) como possibilidade e criatividade de desenvolvimento conceitual e atitudinal.

Uma vez que está se falando do ensino básico, a infra estrutura da educação, onde os alunos estão desenvolvendo suas tendências socio afetivas e intelectuais.

Assim, o espaço escolar, não se refere apenas ao ambiente físico, mas à construção, pela interação entre os alunos, numa relação interpessoal, onde estes servem de ambiente uns aos outros, numa edificação na qual a intersubjetividade¹ é condição incontornável.

Esse espaço, assim como este artigo, se justifica quando dar-se ênfase aos significados dos acontecimentos, levando-os a uma aprendizagem que adquire um sentido próprio, tornando-se, uma construção que representa e gera uma '*aprendizagem construída*', não sendo apenas um processo de passagem da teoria à prática, mas sim a elaboração interior do aprendiz mediante '*assimilação/acomodação*' conforme Jean Piaget (1971).

Isto faz sentido no universo pessoal da criança, não sendo uma mera repetição de saberes, mas uma construção representativa e individual dos mesmos.

Assim tem-se na '*aprendizagem significativa*', uma relação dialógica processual representada por cada aprendiz, de modo pessoal e único, pois passa pela relação-interação da prática pedagógica com a teoria, na busca da compreensão, interpretação dos fatos e na projeção dessa realidade proposta, pelo fazer pedagógico.

Onde este adquire uma consistência que perpetua os fatos pedagógicos, isto é, o que se aprende não se esquece. Isto para a educação básica é fundamental, estas atividades construídas a partir da experiência do próprio alunado, é de importância vital para a seu desenvolvimento e futura autonomia.

Nesta dialogicidade, a '*aprendizagem significativa*' constrói-se inclusive, na partilha de experiências onde se substabelecem outras aprendizagens também significativas, construídas de modo particular, interior ou exterior a esse aprendiz.

Mediante estas colocações entende-se que a função social da educação torna-se bastante relevante na dimensão social do sujeito aprendiz conforme a psicopedagoga Alícia Fernandes (2001).

A função da educação frente a dimensão social do sujeito

A função da educação, dentre outros aspectos, é preparar o sujeito para um convívio salutar em sociedade. Essa dimensão social que contempla o desenvolvimento de conteúdos específicos, que procuram afirmar uma determinada bagagem de ideias, competência, habilidades, atitudes e sentimentos formam um conjunto de elementos construtores para tornar o aluno apto ao exercício de cidadania, num futuro próximo.

A condição de cidadania aqui é entendida como mais uma forma de ser sociável, construída por certas relações libertadoras, criativas e respeitadas para com os demais atores sociais, dentro da forma social de convivência organizada em sociedade. De modo que todos convivam e possam ter seus direitos e deveres assegurados.

Essa noção de cidadania promove, mesmo em crianças menores do ensino básico, um projeto de vida social, que os leve a entender que a sociedade funciona de modo compartilhado, inteativo.

Sendo também, uma modalidade de exercício da sociabilidade, culturalmente elaborada, que pertence ao âmbito não apenas do político, mas inclui o acadêmico, o artístico, o lúdico, o relacional, o ético, na proposta de um modelo de indivíduo holístico² e integral.

Uma vez que estamos em tempos de transitoriedade³ e aceleração⁴ de fatos, coisas e situações, a criança de hoje é muito mais perspicaz e rápida que a de antes, isto implica em uma pedagogia que contemple a necessidade desta demanda.

¹ Entende-se aqui por intersubjetividade, uma condição da vida social que, permite a partilha de sentidos, experiências e conhecimentos entre sujeitos.

² A tendência da natureza de usar a evolução criativa para formar um "todo" que é maior do que a soma das suas partes. Forma específica de contemplar o mundo e que pode ser aplicada em várias vertentes do conhecimento. Jan C. Smuts (1926)

³ A nova 'temporalidade' da vida diária. Resulta dum estado de espírito, numa sensação de impermanência. [...] é o fluxo das coisas nas nossas vidas, que cresce de maneira mais frenética, defronte a uma onda de itens de usar e jogar fora, de arquitetura impermanente, de produtos móveis e modulares, de mercadorias para alugar e itens desenhados e elaborados quase para que uma morte instantânea" (Toffler, 1970, pp.48-50)

Assim preparar uma criança com vistas para a cidadania numa forma qualitativa superior sobre como inserir esta criança na sociedade, é uma necessidade da atualidade.

Uma das funções que a educação básica promove é o conhecimento da vida social mediante os hábitos coerentes e vigentes, afirmando sentimentos e comportamentos do sujeito para que este consiga assimilar e se envolver com a cultura, objetivando uma produção cultural. Dessa forma Giroux (1993) afirma:

A educação cidadã deve ser entendida como forma de produção cultural, ou seja, a formação dos cidadãos deve ser vista como um processo ideológico por meio do qual experimente a nós mesmos, ao mesmo tempo em que experimentamos nossas relações com os demais e com o mundo, dentro de um sistema complexo e com frequência contraditória de representação e imagem. GIROUX, (1993, p.36).

Mediante essa proposição pode-se inferir que a educação no ensino básica pode, enquanto produção cultural, estimular sua construção em qualquer espaço do tecido social, independente de tempo e lugar circunscrito, já que a formação do ser integral objetiva promover a convivência deste numa sociedade que contemple os valores contemporâneos, dentre eles a variável tempo, focando na '*Futuridade*' (TOFFLER, 1970. p. 336).

Esta variável de '*tempo futuro*', pensada como premissa num cenário onde a informação não está mais contida num determinado espaço, mas, ampliada, extrapolando o cenário circunscrito do âmbito escolar, levando o estudante a apreender as informações em outros contextos reais ou virtuais, mediante um conjunto de novas tecnologias, necessárias para a sua aprendizagem, acontece.

E na realidade atual, é uma indicação clara de como os componentes do jogo educativo estão acontecendo em espaços de tempo cada vez menores, pondo em evidência a urgência de uma educação que atenda às exigências atuais. Os alunos do ensino básico tem grande facilidade em vivenciar experiências nesses espaços extra escolares, e, aprenderem.

Os sujeitos que convivem nas sociedades atuais, principalmente alunos do ensino básico, estão muito mais interessados em construir a sua aprendizagem do que na técnica do educador, mais interessados em '*se construir*' do que na '*ensinagem*' do professor, é comum se perguntar a uma criança do ensino básico : Quem lhe ensinou isto? E ela responde: Eu.

Neste atual contexto tem-se a variável - tempo - que leva a um conjunto de indicadores que podem se concentrar em: Aprendizado, Relacionamento e Escolhas conforme o autor Alvin Toffler (1970).

Tem-se, aqui, algumas considerações sobre esses indicadores referenciais.

O **aprendizado** quando transformado em conhecimento torna-se cada vez mais precíval devido ao crescimento, à aceleração e à rotatividade das informações aplicadas à prática; numa sociedade em que o indivíduo constantemente muda de emprego, de lugar, de residência, de laços sociais, de Escola, de interesse e, assim por diante, é o tempo que valoriza extremamente a eficiência da sua aprendizagem. Quanto mais rápido aprender mais eficaz deverá ser.

A Escola contemporânea bem como a do futuro deverá valorizar, não apenas os 'dados'⁵ as informações, mas como as utilizar, proporcionando, assim, novas modalidades de aprender. Onde o estudante deve descartar velhas ideias e substituí-las por outras mais atuais, mediante estratégia utilizada para melhorar a sua adaptabilidade humana.

Assim, o aluno deve aprender, desaprender e reaprender, ou seja, construir, desconstruir para tornar a construir numa nova e poderosa dimensão advinda do seu modo de entender, para que possa, dessa forma, elaborar, por exemplo, fórmulas, coreografias, partituras

⁴ A aceleração da mudança altera radicalmente o equilíbrio entre as situações que nos são familiares e as situações novas. [...] O índice crescente em que o fluxo das situações novas passam por nós, complica grandemente a estrutura integral da vida (Toffler, 1970, pp.23-24)

⁵ Aqui entendido como: Componentes utilizados para construir aprendizagem podem ser antigos ou atuais, são as datas, nomes de personagens históricos, capitais, as fórmulas, dentre outros

musicais, resoluções de problemas, matemáticos e sociais, discussão e interpretação de textos, nunca antes criados, e assim por diante.

Toffler (1970) comenta que o psicólogo Herbert Gerjuov, da Organização de Pesquisas de Recursos Humanos, coloca de forma simples que:

A nossa educação deve ensinar ao indivíduo a classificar e reclassificar a informação, como avaliar sua veracidade, como transformar categorias quando necessário, como passar do concreto para o abstrato e vice-versa, como encarar os problemas a partir de uma direção nova – como ensinar a si mesmo. O analfabeto de amanhã não será o homem que não saberá ler: será o homem que não terá aprendido a aprender (TOFFLER, 1970, p.333).

Assim, a Escola tem a função de antever, de vislumbrar estratégias onde se estimule a curiosidade do seu corpo discente, pois já se saiba que, não é mas suficiente entender o passado, não basta nem mesmo compreender o presente, visto que o cenário é *'aqui e agora'* para logo desaparecer.

Faz-se premente apreender a antecipar as direções do futuro e o ritmo das mudanças. É preciso pôr as coisas, ideias, movimentos, soluções, em termos técnicos, para, assim, se poder vislumbrar, antever-se e criar soluções, para situações que virão. É um desafio, para o nosso modelo escolar atual.

Aprender a fazer suposições repetidas, prováveis, de alcance cada vez mais amplo a respeito do futuro, é, com certeza, um novo modo de aprender.

Outro indicador, também, importante é a manutenção dos laços humanos, tão gratificantes numa relação, embora em crescente dificuldade de manutenção.

Os **Relacionamentos**, a construção dos laços de amizade, torna-se, na atualidade, de difícil manutenção. Devido à transitoriedade dos mesmos, ao ritmo de vida apressado, mediante processo de aceleração e das implantações dos rodízios nas situações relacionais da vida das pessoas, que são cada vez mais efêmeras.

Nestes relacionamentos concede-se menos tempo para que a confiança se desenvolva e para que a amizade amadureça.

Estes são fatores impeditivos para se conseguir tempo de estabelecer um vínculo afetivo ou mesmo de outra natureza, social, por exemplo.

Quando um aprendiz comenta que *'as pessoas não conseguem se comunicar'* não se refere apenas e tão somente a atravessar a barreira das gerações, mas também entre sujeitos do próprio grupo, da mesma faixa etária, da mesma sala de aula, da mesma classe social; é uma situação que acontece entre eles próprios, os mais jovens.

Há que se entender que o *'fator de transitoriedade,'* (aquilo que passa rápido), é conhecido como uma causa de alienação, como uma parte superficialmente intrigante do comportamento dos jovens, todavia muitos desses jovens encaram, por exemplo, o sexo, relação que requer um relativo conhecimento do outro, como um modo rápido de *'conhecer alguém'*.

Em vez de vivenciar a relação sexual como algo que se segue ao longo do processo de construção de um relacionamento, de conversas para descobrir as afinidades, eles encaram a relação sexual, (certos ou errados, não vem ao caso), como um atalho para aprofundar a compreensão humana.

Assim, primeiro fazem sexo para depois se conhecerem e às vezes não há tempo/interesse para esse conhecimento e no dia seguinte não se conhecem nem se cumprimentam. O que houve não tem a menor importância.

Estas relações mais íntimas são atividades que lançam os participantes num contato psicológico e biológico íntimo sem uma mínima preparação, uma convivência, uma cumplicidade.

Na maioria das vezes, sem um conhecimento prévio, uns dos outros, em muitos casos os relacionamentos são propositadamente curtos, e o propósito do jogo é intensificar os relacionamentos afetivos apesar da *'temporeidade'* da duração e da *'transitoriedade'* dos relacionamentos. Este fato é comprovado nos dias atuais, nos diversos discursos dos próprios jovens, independente do sexo e faixa etária.

Outro exemplo de aceleração de relacionamentos são os fenômenos em grupo; o entusiasmo pela vida comunitária expressa, também, um sentido subjacente de solidão, de inabilidade para se comunicar com outros.

Os grupos são fechados e, vivenciam conflitos fortes em seu interior, com a aceleração acontecem as contendas e as disputas pela liderança, ou pelo poder de mando.

Tem-se menos tempo para que a confiança se desenvolva, menos tempo para que as amizades amadureçam e, conseqüentemente, menor duração, são relacionamentos temporários e efêmeros, atuais.

O *'fator celeridade'*, (aquilo que é veloz), tão preponderante na atualidade, torna-se testemunha da busca de caminhos que sirvam de atalho ao comportamento público e educado, a uma pseudo-amizade transitória onde, se presencia tempos de relacionamento, rápidos e descartáveis.

Assim, questiona-se: Será função da educação ajudar as pessoas a aceitarem a ausência de amizades profundas, aceitarem a solidão e a desconfiança? Ou se devem buscar novos modos de acelerar a formação de amizades, sejam mediante grupos estudantis mais imaginativos, ou a formação de organizações com novas estruturas?

São questões que se apresentam como novos desafios.

Então, *'como'* a educação pode atuar nesses novos contextos? Qual a dimensão social desse sujeito aprendiz?

Esses são desafios da função da educação, no ensino básico, na contemporaneidade.

Embora, para os jovens, não é tão difícil assim, já que eles são contemporâneos de um tempo célere, onde a descartabilidade não é apenas de objetos (fraldas, copos, talheres, pratos, lenços), mas também, de pessoas e situações, (como o celular, o *'ficar'*⁶), pois essa aceleração já faz parte do seu cotidiano, desde o nascimento, isso porque eles fazem parte de outra geração com outros valores.

Quanto às **Escolhas**, mediante os cenários propostos, tendem a se multiplicar num ritmo de complexidade crescente, num torvelinho de opções típicas das sociedades *'superindustriais'*, na qual as decisões vão se refletir em escolhas intrincadas e caberá à Escola ajudar o alunado "nessas sucessivas *'superescolhas'* que já se faz presente de forma mais compatível com os seus valores, sejam eles quais forem" (TOFFLER, 1970, p.334).

Neste contexto, a função da educação será abordar diretamente questões pertinentes à temática das *'superescolhas'*, devido à complexidade existente, uma vez que a adaptação envolve a realização de sucessivas escolhas.

Um aprendiz diante de numerosas alternativas seleciona a mais compatível com seus valores. À proporção que a superescolha se aprofunda, o estudante, a quem falta uma noção clara dos seus próprios valores (sejam eles quais forem), encontra-se progressivamente prejudicado e não raras vezes confuso, para fazer sua escolha.

Entretanto, quanto mais nevrálgica se torna a questão dos valores, menos as Escolas atuais desejam lidar com eles. Não é de chocar, portanto, que muitos jovens sigam caminhos irregulares em direção ao futuro, ricocheteando para lá e para cá como se fossem mísseis descontrolados, como bem adverte o autor Toffler, (1970).

Inferir-se, assim, sobre *'como'* a função da educação se deve preocupar com esses jovens e procurar imprimir valores morais e éticos que despertem neles as competências e habilidades necessárias, para que os mesmos, possam efetuar suas próprias escolhas, de modo menos inconsequente e, assim, ficarem aptos para o exercício da cidadania e para o convívio sócio educacional.

A educação prega a retórica da formação de caráter, mas de forma institucionalizada e centrada em valores tradicionais e isto causa um grande hiato entre os valores transmitidos pela instituição escolar formal e os valores disponibilizados nos demais cenários. O estudante

⁶ Caracteriza-se pela ausência de compromisso, de limites e regras claramente estabelecidos: o que pode ou não pode é definido no momento em que o relacionamento acontece de acordo com a vontade dos próprios *'ficantes'*. A duração varia o tempo de um único beijo, uma noite toda, ou algumas semanas. Ligar no dia seguinte ou procurar o outro, não é dever de nenhum dos *'ficantes'*.

⁷ Nova sociedade onde a era da informática constitui um moderno estilo de vida, precipitando a absorção de informação, transformando intensamente a estrutura do conhecimento e da realidade em que vivemos. Toffler, (1970).

da atualidade navega em diversas redes, convive em diversos contextos onde todo tipo de valor está disponibilizado.

Sem um norte sua escolha fica comprometida. Os arranjos disponíveis enviam mensagens sem palavras a esse estudante, plasmando suas atitudes e perspectivas num oceano de opções, levando esse aprendiz a uma seleção difícil, frente à falta de um referencial compatível com a realidade que se apresenta.

Estas inquietações pululam nas mentes e fazem jus a uma reflexão mais aprofundada sobre, a forma como está sendo conduzida '*a aprendizagem*', em que dimensão social e como está sendo construída, num '*tempo acelerado*', de vastas opções, a formação dessa aprendiz.

Frente a estas conjecturas há que se refletir na necessidade de outro ambiente, onde se possam verificar sujeitos aptos a projetar, examinar, avaliar e reavaliar os caminhos alternativos da ação educacional, onde se possam tomar decisões experimentais com antecedência visando a atender as necessidades atuais.

Um indivíduo adaptado às urgências contemporâneas na Escola, por exemplo, apesar de ser no ensino básico, precisa entender como a sociedade o solicita, enquanto aluno e preparar-se para essa cobrança.

É evidente que a Escola possui um currículo formal particular focado em diretrizes basilares engessadas onde as aulas são ministradas em uma disposição enfileirada, de cadeiras /bancas, lembrando a escola fabril.

Todavia há o currículo oculto, que se defronta, com os fatores da contemporaneidade, como a '*aceleração*' e a '*transitoriedade*', exigindo maior articulação no espaço escolar.

Onde as práticas pedagógicas devem estar em interação com a ansiedade jovial, com a maturidade intelectual, num trabalho lúdico de corpo e mente, enquanto instrumento de libertação, de autonomia, de criatividade e reconhecimento, para a formação ética do aprendiz do ensino básico.

Tudo isso num determinado espaço/tempo, pois a Escola funciona regida pelo planejamento, currículo e avaliação, como toda Escola, (pública ou privada) independente de sua designação, mas está num tempo acelerado, ávida por propostas reais e adequadas.

Daí o questionamento sobre a sua função educacional.

É neste cenário que podem ou não acontecer as escolhas, que se efetivam ou não, os caminhos a serem seguidos pelos aprendizes do educação básica. Emergem, assim, nesse tecido social, os fatores propulsores como a liberdade de expressão, de mobilização e verbalização que, precisam ser vivenciados pelo alunado, para a construção de suas aprendizagens, de modo consciente.

Metodologia

Esse artigo tem como ideia central apresentar reflexões sobre '*a função da educação frente a dimensão social do sujeito*' objetivando compreender a dinâmica da escola, sua contribuição e influência na dimensão social do sujeito aprendente.

Numa pesquisa qualitativa bibliográfica, onde leituras, reflexões e discussões formaram a base para a construção das ideias centrais aqui dispostas. Foram pesquisados livros, artigos, dissertações e teses, cujo os conteúdos abordam a temática proposta.

Nesta perspectiva encontrou-se uma rica experiência, através da observação metodológica de cunho descritivo, considerando a educação como espaço capaz de desvelar e revelar na convivência do cotidiano dos sujeitos, os vínculos, os conflitos, a afetividade a interpretação da gestualidade, a representatividade, as relações interpessoais e até os silêncios.

Na opinião de Vasconcelos (2000), a representação, por exemplo, busca os vínculos que o sujeito tem com a prática, com os seus valores, com suas experiências, suas necessidades, seus interesses e suas expectativas que se colocam como "formas, como pontos de articulação com o conhecimento a ser construído numa aprendizagem significativa" (VASCONCELOS, 2000, p.65).

Como se percebe, existe uma teia na construção dos espaços relacionais escolares que se encontram em permanente movimento e que, portanto, se "recriam e se transformam em sua temporalidade" (MACEDO, 2010, p.33).

Esta visão, explicitada neste artigo induz a uma reflexão sobre como as práticas pedagógicas, enquanto processo de aprendizagem na Escola, pode ser vista mediante um olhar de dentro, ou seja, qual a dimensão social do sujeito, nesse espaço escolar.

Ao ir à Escola pode-se ver o que não se consegue ver do lado de fora, e como essas vivências são acontecidas, pensadas ou sentidas no interior da Escola.

Através desse caminho, considerando o momento em que se encontra a Educação Básica representada pela Escola, procurou-se, nesse artigo, evidenciar a importância do espaço escolar, colocando-o como fonte de experiência e de aprendizagem, de limites e de possibilidades, para que o alunado possa interagir com o ambiente e com o outro ser.

Com o propósito de desenvolvimento das sua capacidade de (re)criar-se e ou (re) fazer-se numa atuação transformadora e inclusiva, cujos sentimentos e expressões estão calcados nas demandas atuais da nova sociedade.

Com essa observação pode-se compor este artigo baseado nas observações das práticas pedagógicas, as quais levam a busca da própria identidade do aprendiz e lhe promove a apropriação de instrumentos para desenvolver suas habilidades, capacidades e competências, assumindo, assim, posições e ações diante da realidade existente, célere, temporária, na esperança de (re) construir-se como sujeito aprendente e autônomo.

Estas reflexões possibilitou uma nova leitura da realidade, onde os cenários escolares, observados, são espaços onde acontecem as práticas pedagógicas, são locais complexos e ao mesmo tempo dinâmicos onde se movimenta um número considerável de estudantes e professores.

Um cenário que requer uma atenção mais acurada para uma melhor compreensão, das diversas variáveis contidas, pois contempla ambientes diversos, alternativos, nos quais os acontecimentos de hoje surtem efeito no amanhã.

Não sendo predições, nem tampouco estratégias, ao contrário, são narrativas vivas e reais de atividades pedagógicas com vista na dimensão social do sujeito.

Essas criações são oportunidades inerentes às estratégias pedagógicas, construídas a partir de um planejamento escolar, oriundo dos bastidores da escola, pelo currículo nem sempre atual contemplando as demandas vigentes.

O cenário da escola, na educação básica, com seus personagens e movimentos apresentam e representam valor agregado em suas práticas. Os movimentos construídos, feitos e refeitos, são baseados em diversos sentimentos por se tratar de um *'bem intangível'* ou seja, são bens que não podem ser tocados, porque não têm corpo, é a *'representatividade imaterial'* da sensação, do pensamento, das trocas, dos jogos, das construções, da ansiedade, dentre outras variáveis.

Assim, pode-se constatar a relevância da educação básica para a formação das novas gerações.

Considerações finais

Na trajetória para novos paradigmas, os anteriores deixam de ter valor hegemônico e vão perdendo a primazia, tornando-se frágeis, questionáveis, frente às novas demandas, embora continuem a ser pontos de embasamento, apoio e reflexão.

Urge dar ênfase aos novos rumos dos acontecimentos, assim como, entender quais os caminhos da aprendizagem, enfatizando aqui, a relevância das ações humanas construídas.

As quais foram e são os pilares basilares para as futuras realizações, podendo se usar, com maior inteligência, a autonomia e a responsabilidade, centradas em uma educação para o futuro, estar-se assim construindo paradigmas onde se prima por uma educação que considere em última instância, o ser humano aprendente e ético. Uma educação para o futuro.

A educação, nessa vertente, pode criar as condições objetivas e subjetivas para que surja uma educação realmente inovadora onde seja possível criar uma alternativa pedagógica que favoreça ao aparecimento de um novo tipo de aprendizagem que enfoque possibilidades futuras de resolução de questões mesmo que, num primeiro momento, possa ser rotulada como utopia, senão vejamos:

Sem a utopia, não existiriam perspectivas, nem horizonte profundo; sem a ação, a utopia se desfaria em abstração e em sonho delirante. Portanto, a utopia deve tornar-se concreta. [...]. As raízes da utopia consistem no fato de que o homem ainda não é um ser satisfeito, porque ainda não é perfeito, porque o mundo ainda não é acabado (PIERRE FURTER, 1976, pp. 44-45).

Num primeiro momento, diante desta utopia, compete aos educadores uma ousadia frente aos novos desenhos educacionais, frente às necessidades atuais e ao seu alunado mais consciente, perspicaz e curioso.

Cabe, portanto, ao novo educador a revisão e quiçá o refazer do modelo escolar, que contemple a dimensão social desse aluno aprendente, que entenda o currículo oficial e o articule com o currículo real, focado numa pedagogia oficial, e que não esteja dissociada dos princípios básicos de uma pedagogia transformadora, conforme Paulo Freire (1983), que seja capaz de mudar comportamentos, e de reconstruir arquétipos emergentes.

Assim, frente a esse caldo cultural, emergiu a necessidade de um novo olhar, de uma mudança de hábito na área educacional, pensando na dimensão social do educando, visto que na contemporaneidade as certezas transformam-se em incertezas, isto é, o progresso é possível, porém incerto.

O tempo já não é cíclico como nas sociedades passadas, mas em movimento de circularidade, assim, já é tempo de se rever os valores que constituem a educação básica.

Referências

- BERGER, Peter; LUCKMANN Thomas. **A Construção social da realidade: tratado da sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- CORREIA, José Alberto. **Inovação Pedagógica e Formação de Professores**. Porto: Edições Asa, 1989.
- CASTILHA DEL PINO, Carlos. **Teoria de los sentimientos**. Barcelona: Tusquets, 2000.
- FERNANDÉZ, Alicia. **O saber em jogo: a Psicopedagogia propiciando autorias de pensamento**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FURTER, Pierre. **Educação e reflexão**. Petrópolis: Vozes, 1976.
- FURTER, Pierre. **Educação e vida**. Petrópolis: Vozes, 1966.
- GIMENO SACRISTÁN, José. O significado e a função da educação na sociedade e na cultura globalizada. In MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa & GARCIA, Regina Leite (org). **Currículo na contemporaneidade: incertezas e desafios**. São Paulo: Cortez, 2003.
- GIMENO SACRISTÁN, José. **Educar e conviver na cultura global: as exigências da cidadania**. Trad. Rosa Ernani, Porto Alegre: Artmed, 2002.
- GIROUX, Henry. **La escuela y la lucha por la ciudadanía**. México: Sigilo XXI, 1993.

GIROUX, Henry. 1997. **Os professores como intelectuais**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica etnopesquisa. Etnopesquisa Formação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2010.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa crítica e multireferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: Edufba, 2000.

PIAGET, Jean. **A Epistemologia Genética**. C. Caixeira. Petrópolis: Vozes, 1971.

SCOZ, Beatriz. Prefácio. In: AMARAL, Silvia (orgs). **Psicopedagogia: um portal para a inserção social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

SUCCI, M. Adalgiza A. **Inovação Pedagógica: Um estudo emergente sobre as práticas pedagógicas na Escola Municipal de Frevo Maestro Fernando Borges. Recife - Pernambuco - Brasil**. 24/jun/2013. 378 f. (Tese) Doutorado em Ciências da Educação. Universidade da Madeira, Funchal, Portugal. 2013

TOFFLER, Alvin. **O choque do Futuro**. Lisboa: Livros do Brasil, 1970.

TOFFLER, Alvin. **A terceira onda**. Rio de Janeiro: Record, 1980.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Construção do Conhecimento: em sala de aula**. São Paulo: Libertad, Cadernos Pedagógicos do Libertad; v, 2, 2000.